

**Mãe feliz, profissional infeliz:
o imaginário coletivo de estudantes *sages femmes* sobre a sua profissão**

Miriam Tachibana

Daniel Beaune

Tânia Maria José Aiello Vaisberg

Universidade de São Paulo / Université Charles de Gaulle Lille 3

Uma vez que a complexa função de sustentar emocionalmente um bebê pode ser favorecida pela sustentação da gestante/parturiente por um suficientemente bom, temos desenvolvido estudos que focalizam profissionais da área obstétrica. No presente trabalho, voltamos nossa atenção para a *sage femme*, profissional francesa que intervém tanto tecnicamente como prestando cuidado emocional, estabelecendo como objetivo investigar o imaginário coletivo de estudantes da escola de *sage femmes* sobre sua futura profissão. Realizamos uma entrevista coletiva, em contexto de sala de aula, junto a 16 alunas de uma universidade francesa. Para favorecer a sua comunicação emocional, usamos o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, convidando-as a desenharem individualmente “uma *sage femme* feliz”, para, a seguir, inventarem uma história sobre a figura desenhada. Posteriormente, elaboramos uma narrativa transferencial que, juntamente com os 16 desenhos-estórias, foi considerada psicanaliticamente, visando a produção de campos de sentido afetivo-emocional ou inconscientes relativos. Produzimos interpretativamente dois campos: “Mãe sempre feliz”, organizado a partir da crença de que toda mulher se sente feliz e realizada com a gravidez, e “Profissional sempre infeliz”, que se configura ao redor da crença de que a *sage femme* seria sempre comparada aos médicos obstetras e socialmente desvalorizada. O quadro geral indica que, neste imaginário, a paciente é concebida de maneira idealizada, como se não enfrentasse nunca conflitos e dificuldades, enquanto a profissional é considerada como carente de reconhecimento social. Podemos concluir que as participantes não estabeleceram um vínculo amadurecido e saudável com a profissão, na medida em que não lhes atribuem utilidade verdadeira nem valor social, o que provavelmente se relaciona à hierarquização prevalente no setor de saúde e aos processos de seleção para o curso. Por outro lado, destacamos o fato de apresentarem uma visão idealizada das pacientes, como pessoas que não enfrentariam dificuldades e conflitos, o que, evidentemente, não contribui para a sensibilização das profissionais em relação às necessidades emocionais que lhes caberia atender.

Palavras-chaves: *sage femme*, maternidade, imaginário coletivo, pesquisa qualitativa, método psicanalítico.

O ambiente suficientemente bom

O pediatra e psicanalista inglês Donald Winnicott observou sensivelmente, a partir de sua prática clínica, que a teorização psicanalítica do seu tempo falhava ao enfatizar fortemente o psiquismo individual, ignorando a importância do ambiente, que seria crucial nas primeiras etapas da vida humana, durante as quais teria lugar um processo de amadurecimento que permite a constituição da personalidade individual (Winnicott,1945). Ao direcionar os olhares para a função do ambiente, que pode ser suficientemente bom ou falhar, de mais de um modo, os pontos de vista deste autor convergiram com os de Bleger (1963), psicanalista que enfatizou de modo veemente como todas as manifestações da conduta, como todos os dramas humanos, só podem ser realmente compreendidos quando considerados em contextos vinculares, que se inserem em condições sociais, econômicas, geopolíticas, culturais e históricas. Deste modo, enfatizou que o ambiente nunca cessa de ser fundamental no viver humano, ao longo das décadas.

Como Winnicott (1967) viveu na sociedade inglesa e exerceu a sua prática clínica entre os anos vinte e sessenta, do século passado, ocupou-se de casos clínicos que se caracterizavam pelo fato do cuidado infantil permanecer a cargo da mãe, que desse modo se tornavam responsáveis imediatas pela provisão do ambiente suficientemente bom. Por este motivo, as expressões “ambiente suficientemente bom” e “mãe suficientemente boa” aparecem praticamente como sinônimas em seus escritos.

Entretanto, quanto interpelado a respeito do pai, ou quando lidou com a questão da tendência anti-social (Winnicott, 1987), não deixou de considerar que o cumprimento das tarefas maternas, de adaptação e atendimento das necessidades do bebê, exigiria, por seu turno, que a própria mãe pudesse se sentir emocionalmente sustentada pelo ambiente social próximo. Apontava, deste modo, para o fato de que a mãe que falha de

algum modo em sua função não seria necessariamente uma pessoa emocionalmente adoecida, cuja perturbação impediria um bom desempenho maternal, questão evidentemente grave quando se vive em sociedade na qual vigora uma idealização da maternidade e uma condenação daquelas que apresentam dificuldades (Badinter, 1985; Badinter, 2010; Tachibana, 2011; Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2008).

Assim, do mesmo modo que entendemos que só é possível falar do bebê levando em consideração o ambiente em que está inserido, não fazendo sentido concebê-lo como uma mente isolada, guiada exclusivamente por pulsões intrapsíquicas, compreendemos que só é possível falar da mãe, se for levado em conta o meio em que se encontra, que lhe auxiliaria na tarefa de constituição de um ambiente suficientemente bom para a criança (Winnicott, 1963).

Vale ressaltar que, quando pontuamos a importância de um ambiente que favoreça que a mulher possa debruçar-se sobre seu filho, não estamos nos referindo exclusivamente ao pai do bebê e demais familiares. Partimos da perspectiva de que outros grupos sociais, para além do familiar, cumprem função essencial, como, por exemplo, o coletivo constituído pelos profissionais da saúde que atuam na área perinatal. Trata-se de algo que Winnicott (1957) já havia observado em sua prática clínica e sobre o que discorreu de modo muito eloquente por diversas vezes, mas especialmente no livro “Os bebês e suas mães”.

Inspirados nessa obra, temos desenvolvido investigações voltadas à criação de um “ambiente hospitalar suficientemente bom” (Aiello-Vaisberg & Tachibana, 2008), tanto pesquisando sobre o imaginário coletivo de enfermeiras obstétricas acerca do fenômeno da interrupção da gravidez (Tachibana, 2011) como estudando o imaginário coletivo desse grupo social acerca da gravidez não planejada (Granato, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2011). No presente estudo, optamos por focalizar num grupo de profissionais

perinatais franceses, denominado de *sages femmes*, que tem sido responsável por prestar acompanhamento obstétrico e psicológico às gestantes e parturientes. Escolhemos estas profissionais por apresentarem o discurso de que realizariam um trabalho diferenciado do médico obstetra, cumprindo a complexa tarefa de mesclar intervenções técnicas com sustentação emocional, acenando, assim, com a possibilidade de uma prática mais integrativa.

Partindo do pressuposto de que as bases do exercício profissional são lançadas durante a formação, decidimos realizar este estudo abordando estudantes de uma escola de *sages femmes*, levando em conta que temos realizado pesquisas interessantes e bem sucedidas com estudantes de Psicologia (Corbett, 2009; Antunes, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2008; Aiello-Vaisberg, 1999; Tachibana, Ayouch, Beaune & Aiello-Vaisberg, 2012) e com graduandos de Educação Física (Russo, 2008; Granato, Russo & Aiello-Vaisberg, 2009).

Estratégias metodológicas

Em nosso Grupo de Pesquisa USP/CNPq “Psicopatologia, Psicanálise e Sociedade”, temos desenvolvido investigações em que abordamos condutas humanas, entendidas, a partir de Bleger (1963), como toda e qualquer manifestação que, sendo intrinsecamente portadora de significados e sentidos, inscreve-se como acontecer humano. Adotamos essa perspectiva conceitual, apoiados em autores, tais como Bleger (1963) e Politzer (1928), segundo os quais são fundamentais estudos psicológicos que focalizem a dramática do viver humano, levando em consideração o ambiente vivido, para superar abordagens abstratas que se pautam em termos tais como “alma”, “aparelho psíquico”, ou “mente”, dentre outros (Aiello-Vaisberg & Machado, 2008).

A partir dessa compreensão, desenvolvemos, no âmbito do Grupo de Pesquisa, o conceito de imaginário coletivo, que temos definido como condutas grupais, que podem se expressar por meio de atividade psíquica imaginativa, por meio de reações físicas e, ainda, como atuação no mundo externo, que pode gerar inclusive produtos materiais. A nosso ver, a investigação psicanalítica de imaginários coletivos permite a elaboração de interpretações sobre as regras lógico-emocionais, que estariam sustentando as ações dos indivíduos, que denominamos “campos de sentido afetivo-emocional” ou “inconscientes relativos”. Este conceito corresponde à compreensão de que toda manifestação humana emerge de um campo, cuja produção/captação interpretativa permitiria compreender o substrato gerador de sentidos que sustentariam os imaginários investigados. Deste modo, interpretações psicanalíticas podem ser claramente apresentadas a pesquisadores qualitativos que adotam outras abordagens teórico-metodológicas, facilitando o intercâmbio de ideias. Trata-se de proposta conceitual que surgiu a partir de uma aproximação entre propostas metodológicas de Herrmann (1979, 2004) e a sistematização do campo das ciências humanas formulada por Bleger (1963), originando uma visão compartilhada pelo Grupo de Pesquisa (Aiello-Vaisberg & Machado, 2008), utilizada em pesquisas aceitas por periódicos cientificamente qualificados, tais como Ávila, Tachibana & Aiello-Vaisberg (2008); Couto, Tachibana & Aiello-Vaisberg (2007); Russo, Couto & Aiello-Vaisberg (2009); Pontes, Cabreira, Ferreira & Aiello-Vaisberg (2008); Cabreira, Pontes, Tachibana & Aiello-Vaisberg (2007); Fialho, Fernandes, Montezi & Aiello-Vaisberg (2012); Martins & Aiello-Vaisberg (2009); Pontes, Barcelos, Tachibana & Aiello-Vaisberg (2010), dentre outros.

A bem da clareza, temos apresentado nossas investigações qualitativas psicanalíticas, distinguindo procedimentos investigativos de configuração, registro e interpretação do acontecer que tem lugar no encontro com os participantes.

Tendo em vista configurar o encontro com as participantes, entramos em contato com a diretora do curso de *sages femmes* de uma universidade particular no interior da França. Após obtermos autorização institucional, realizamos uma entrevista, em contexto de sala de aula, cujo enquadre denominamos de “entrevista grupal para abordagem da personalidade coletiva” (Ávila, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2008). Trata-se de um enquadre que se inspira nas consultas terapêuticas de Winnicott (1970), nas quais lançava mão de um brincar, o jogo do rabisco, por meio do qual terapeuta e paciente faziam rabiscos numa folha de papel, tendo em vista favorecer a ocorrência de uma comunicação emocional significativa, de maneira relativamente relaxada. No presente caso, usamos, como recurso mediador-dialógico, o Procedimento de Desenhos-Estória com Tema (Aiello-Vaisberg, 1999), cuja potencialidade heurística vem sendo demonstrada em diversas teses de doutorado, dissertações de mestrado e artigos científicos¹. Desse modo, as participantes foram convidadas a desenharem a realizarem, individualmente, “uma *sage femme* feliz” para, a seguir, inventarem e escreverem, no verso da página, uma história sobre a figura desenhada². Logo em seguida, foi aberto um espaço de discussão, que foi utilizado para conversa sobre a atividade realizada, sobre o tema dos desenhos-estórias e sobre seus estágios em hospitais-maternidade. Deste modo, a entrevista não apenas servia para produção de material de pesquisa, mas, também, como forma de provisão atenção psicológica às estudantes.

No que tange ao procedimento investigativo de registro do encontro realizado, salientamos que a entrevista foi registrada sob forma de narrativa transferencial (Aiello-Vaisberg, Machado, Ayouch, Caron & Beaune, 2009). Trata-se de procedimento cuja elaboração é feita de memória, após o encontro, durante o qual não são tomadas notas

¹ Uma visão geral desta ampla produção pode ser obtida por meio do exame do Currículo Lattes de Tania Maria José Aiello Vaisberg, no site www.cnpq.org.br.

² Esta entrevista coletiva foi realizada por Miriam Tachibana.

por escrito nem realizadas gravações em áudio ou vídeo. Apelando para a memória emocional do vivido, são relatadas, por escrito, não apenas falas e atos dos participantes, mas, principalmente, associações livres, impressões contratransferenciais e emoções pessoais do pesquisador. Trata-se de uma estratégia metodológica que já utilizamos em diversas pesquisas sobre imaginários coletivos (Russo, 2008; Ávila, 2008; Pontes, Barcelos, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2010; Corbett, 2009) e que, inclusive, cuja potencialidade heurística vem sendo atentamente pesquisada (Granato & Aiello-Vaisberg, 2004; Aiello-Vaisberg & Machado, 2005, Aiello-Vaisberg, Machado, Ayouch, Caron & Beaune, 2009). Sua óbvia vantagem consiste no seu alinhamento rigoroso com a perspectiva metodológica adotada.

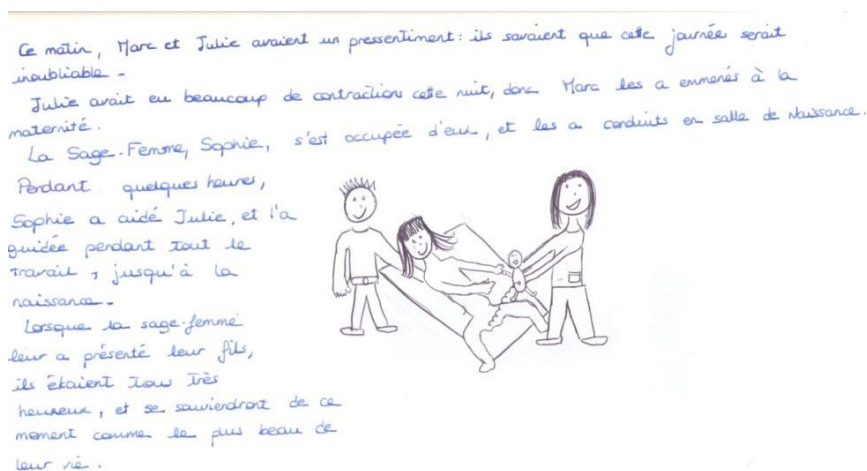
Concretizamos o procedimento investigativo de interpretação do encontro considerando psicanaliticamente o conjunto composto pelos dezesseis desenhos-estórias e pela narrativa transferencial. Este material foi apresentado em reunião dos integrantes do Grupo de Pesquisa, para que, juntos, pudessem abordá-lo segundo o método psicanalítico (Herrmann, 1979, 2001, 2004). Para tanto, foram adotados os passos fundamentais do método, isto é, a associação livre e a atenção flutuante, de forma que, nesse momento, o grupo de pesquisadores cultivou deliberadamente uma suspensão de juízos, de valores e de teorias, adotando uma postura fenomenológica, requerida pelo método, frente ao material clínico.

Por meio dessa estratégia metodológica, calcada nos procedimentos investigativos acima descritos, foi possível produzir interpretativamente dois campos de sentido afetivo-emocional, que apresentamos a seguir.

Campos de sentido afetivo-emocional

A consideração da narrativa transferencial e dos desenhos-estórias permitiu a produção interpretativa de dois campos de sentido afetivo-emocional: “Mãe sempre feliz” e “Profissional sempre infeliz”.

O campo “Mãe sempre feliz” organiza-se ao redor da regra lógico-emocional segundo a qual estar grávida equivale a alcançar uma profunda felicidade, um momento de realização plena. Para ilustrar esse campo, selecionamos o seguinte desenho-estória:



*“Essa manhã, Marc e Julie tinham um pressentimento: eles sabiam que aquele dia seria inesquecível. Julie havia tido muitas contrações durante a madrugada, então Marc os levou na maternidade. A sage femme, Sophie, cuidou deles, conduzindo-os à sala de parto. Durante algumas horas, Sophie ajudou Julie e a guiou, durante todo o trabalho de parto, até o nascimento. Quando a sage femme lhes apresentou seu filho, eles estavam todos felizes e sabiam que aquele momento seria o mais bonito de suas vidas”.*³

Por meio desse desenho-estória, em que é representado um casal sorridente, aparentemente imune a ansiedades ou dúvidas a respeito da maternidade/paternidade,

³ Todas as histórias apresentadas foram traduzidas do francês para o português, pelos autores.

acompanhado de um bebê não apenas saudável, mas, igualmente feliz, observamos uma produção imaginativa claramente emergente desse campo de sentido afetivo-emocional que associa gravidez à felicidade absoluta.

A nosso ver, o campo “Mãe sempre feliz”, que emerge a partir das comunicações das participantes dessa pesquisa, tem grande força na sociedade ocidental, alimentando-se da crença de que toda mulher seria dotada de um instinto materno, que a levaria a desejar profundamente a gerar um filho, para lhe dedicar amor devotado e incondicional (Badinter, 2010). Ora, quando prevalece um imaginário de idealização da gravidez, aquelas mulheres que, em função dos mais variados motivos, reagem diferentemente, tendem a ser taxadas como anormais ou “desnaturadas”, como constamos em estudo anterior (Tachibana, 2011).

No que diz respeito à presente pesquisa, cabe refletirmos sobre o quanto o mergulho, do coletivo das participantes, no campo “Mãe sempre feliz”, pode vir a interferir em sua capacidade de acolhimento emocional de gestantes/parturientes que se apresentem aflitas ou ansiosas diante da maternidade. Em outros termos, preocupamo-nos com o fato de haver indícios de prevalência de um imaginário conservador que, evidentemente, não contribui no cultivo de atitudes solidárias e compassivas diante das pacientes que, é bom lembrar, sempre estarão, em suas vidas concretas, mais ou menos distanciadas, da maternidade idealizada.

O campo denominado “Profissional sempre infeliz” organiza-se ao redor da crença de que a *sage femme* seria uma profissão socialmente desvalorizada e, conseqüentemente, frustrante. Essa questão fica bem clara no seguinte desenho-estória:

Pauline essaie de ne jamais oublier pourquoi elle a choisi de faire cette profession.

Elle veut être présente et accompagner des couples dans la naissance et la joie de fonder une famille.

Elle veut ne jamais oublier, malgré la routine, que ce moment est exceptionnel pour chaque couple qui vit la naissance de son enfant.

Elle sait qu'elle a réussi sa mission quand les couples ne se souviennent plus de son intervention mais se souviennent que de la naissance de leur enfant et des premières minutes de vie, où les 3 personnes se découvrent mutuellement.



“Pauline tenta jamais se esquecer porque ela escolheu seguir essa profissão. Ela quer estar presente e acompanhar os casais, no nascimento e na alegria de fundar uma família. Ela não quer se esquecer, apesar da rotina, que este momento é excepcional para cada casal que vive o nascimento de seu filho. Ela sabe que ela foi bem sucedida em sua missão quando os casais não se lembram mais de sua intervenção, mas se lembram do nascimento de seus filhos e dos primeiros minutos de vida, onde três pessoas se descobrem mutuamente”.

Por meio desse material clínico, em que a estudante relata sempre tentar se lembrar dos aspectos positivos de sua profissão, sentindo-se esquecida por aqueles de quem cuida, a despeito da rotina de trabalho pesada, fica evidente esse campo de sentido afetivo-emocional organizado ao redor da falta de reconhecimento.

Embora, a produção apresentada verse especificamente sobre a falta de reconhecimento dos pacientes, em relação às intervenções profissionais, foi observado,

ao longo da entrevista grupal, que essa sensação de desvalorização esteve fortemente associada ao grupo de médicos obstetras. Para ilustrar essa questão, apresentamos um trecho da narrativa transferencial, redigida pela pesquisadora que realizou o encontro:

“Quando perguntei se alguém gostaria de apresentar o seu desenho-estória para o restante do grupo, uma das estudantes levantou-se de sua cadeira e exibiu, para todas, um desenho aonde aparecia uma gestante, acompanhada do pai do bebê, numa consulta com uma sage femme. Antes de ler a história que havia inventado, ressaltou que havia feito questão de imaginar um casal que havia escolhido uma sage femme, ao invés de um obstetra, para acompanhar a gestação, deixando claro que lamentava pelo fato de, na realidade, a maioria dos pacientes recorrer aos médicos, por terem maior prestígio social. Nessa hora, a estudante voltou-se especificamente para mim e me disse que, na França, os médicos obstetras tinham inclusive o direito de cobrarem mais caro pelo valor da consulta, de acordo com a tabela de honorários”.

Podemos pensar, num primeiro momento, que o mal-estar emocional, trazido pelas participantes desse estudo, esteja relacionado com a hierarquização que caracteriza a área da saúde, em que os médicos ocupam o topo da hierarquia, cabendo, aos demais trabalhadores, posições subordinadas. São diversos os estudos, dentre os quais destacamos os de Manetti e Marziale (2007) e de Marques da Silva, Loureiro e Peres (2008), que apontam que uma das grandes fontes de sofrimento, por parte da equipe de enfermagem, tem a ver com a sensação de inferioridade em relação à classe médica, tão valorizada no imaginário social.

Embora seja possível associarmos esse campo de sentido afetivo-emocional ao ambiente hierarquizado da área de saúde, cabe refletir até que ponto esse mal-estar

emocional das estudantes, tão localizado na postura de suposta superioridade dos médicos, como na conduta de indiferença dos pacientes, estaria também associado ao fato de muitas delas provavelmente estarem realizando o curso de *sage femmes* por não terem alcançado notas que lhes permitissem acesso à Medicina ou a outros cursos da área das ciências biológicas⁴.

Dessa maneira, podemos pensar que o grupo tenha imaginado uma profissional cujo trabalho seria esquecido pelos pacientes, não apenas porque a sociedade a veria como uma “segunda opção”, mais barata, em relação ao grupo de obstetras, mas, principalmente, porque o curso de *sages femmes* corresponde, de fato, para muitas, a uma segunda opção, que alcançaram por ser menos concorrida do que o curso médico.

Considerações finais

Os dois campos de sentido afetivo-emocional interpretativamente produzidos, a partir da entrevista coletiva e dos desenhos-estórias, indica uma situação de mal-estar e sofrimento das estudantes diante da profissão escolhida. Podemos refletir sobre este quadro à luz do pensamento winnicottiano. Este autor (Winnicott, 1962) acreditava que o ser humano saudável é aquele que consegue integrar sua autenticidade com as demandas do ambiente, adaptando-se criativamente, sem se submeter. Nessa perspectiva, o indivíduo voltado exclusivamente para si mesmo estaria dissociado da realidade vivida, enquanto aquele que estivesse exclusivamente preocupado em comportar-se bem estaria distanciado de si mesmo, vivenciando o que chamava de falso *self*.

⁴ Na França, como o curso de Medicina é o mais concorrido, apenas os alunos que apresentam alto desempenho escolar têm o privilégio de realizá-lo, cabendo aos demais aceitar vagas remanescentes dos outros cursos ou apresentar-se para novo processo seletivo, no ano seguinte.

A partir dessas colocações, podemos pensar que a infelicidade comunicada, pelas participantes, estivesse associada ao fato de que a entrada no curso de *sage femme* não estar sendo vivida como uma tentativa criativa de encontrar outra opção satisfatória, para além do curso de Medicina, em termos de realização pessoal. Pelo contrário, o coletivo teria expressado que a realização do curso de *sages femmes* estaria mais ligada a uma adaptação submissa às regras universitárias, numa linha falso *self*.

Sabemos, evidentemente, que obter uma vaga em curso de Medicina, em primeira opção, não significa, necessariamente que uma escolha autêntica e criativa tenha sido feita. Compreendemos, a partir de estudos winnicottianos sobre a escolha profissional, que muitas vezes os cursos escolhidos equivalem a submissões, por parte do indivíduo, frente àquilo o que é socialmente valorizado, seja pelos familiares, seja em termos de remuneração (Camps, 2009; Barreto & Aiello-Vaisberg, 2007). Isto, evidentemente, não quer dizer que não se possa ter alto desempenho escolar e entrar em cursos altamente concorridos de modo amadurecido e criativo.

Por outro lado, compreendemos que realizar um curso, anteriormente concebido como uma segunda opção, não se vincule, forçosamente, à submissão do falso *self*, pois por diferentes caminhos, eventualmente imprevisíveis, as pessoas podem criar/encontrar soluções que lhes permitem “ser elas mesmas e se comportarem bem”.

A partir daí, é possível afirmarmos que a maneira como se dá o processo seletivo para os cursos universitários, bem como a hierarquização que impera, na área de saúde e fora dela, contribuem significativamente com a produção de sofrimento emocional profundo, ligado à sensação de submissão e à busca incessante de reconhecimento social. Trata-se de uma questão problemática, que não pretendemos encerrar nesse estudo, mas que evidenciamos, aqui, principalmente porque, para que a *sage femme* possa sustentar emocionalmente suas pacientes, favorecendo o acolhimento do recém-

nascido, faz-se necessário que essa profissional também habite um ambiente social suficientemente bom.

Referências bibliográficas

Aiello-Vaisberg, T.M.J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de Psicopatologia*. Tese de Livre-Docência. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Aiello-Vaisberg, T.M.J. & Machado, M.C.L. (2005). Narrativas: o gesto do sonhador brincante. In *Anais do Encontro latino Americano dos estados Gerais da Psicanálise*, 4. São Paulo: Estados Gerais da Psicanálise.

Aiello-Vaisberg, T.M.J. & Machado, M.C.L. (2008). Pesquisas psicanalíticas de imaginários coletivos à luz da teoria dos Campos. In Monzani, J. & Monzani, L.R. (Orgs.), *Olhar: Herrmann, uma viagem psicanalítica* (PP.311-324). São Carlos: Editora Pedro e João editores.

Aiello-Vaisberg, T.M.J., Machado, M.C.L., Ayouch, T., Caron, R. & Beaune, D. (2009). Les récits transferenciels comme présentation du vécu clinique: une proposition méthodologique. In Beaune, D. (Org.), *Psychanalyse, Philosophie et Art: dialogues* (pp.39-52). Paris: L'Harmattan.

Aiello-Vaisberg, T.M.J. & Tachibana, M. (2008). O ambiente hospitalar suficientemente bom: sustentação da preocupação materna primária. In Lange, E.S.N. (Org.), *Contribuições à Psicologia Hospitalar: desafios e paradigmas* (pp.145-162). São Paulo: Vetor Editora.

- Antunes, D.P. de S., Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2008). A experiência emocional do estudante de Psicologia frente à primeira entrevista clínica. *Aletheia*, 28, 135-145.
- Ávila, C.M. de (2008). *As gêmeas cantoras e o menino que sonhava ser jogador de futebol: imaginário de professores sobre a inclusão escolar*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Ávila, C.M. de, Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2008). Qual é o lugar do aluno com deficiência? O imaginário coletivo de professores sobre a inclusão escolar. *Paidéia*, 18, 155-164.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do instinto materno* (W.Dutra, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira
- Badinter, E. (2010). *Le conflit: la femme et la mere*. Paris: edition Flammarion.
- Barreto. M.A.M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2007). Escolha profissional e dramática do viver adolescente. *Psicologia & Sociedade*, 19, 107-114.
- Bleger, J. (1963). *Psicologia da conduta* (E.D.O. Diehl, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cabreira, J.C.; Pontes. M.L.S.; Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. O imaginário coletivo de adolescentes sobre a adolescência no mundo atual. Trabalho apresentado na *I Jornada de Psicanálise e Fenomenologia*, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Recuperado em 26/04/2013 <http://serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2012/10/Texto-I-Jornada-Psicanalise-e-Fenomenologia.pdf>

- Camps, C.I.C. de M. (2009). *Ser e Fazer na escolha profissional: atendimento diferenciado na clínica winnicottiana*. Tese de Livre-Docência. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Corbett, E. (2009). *Até que a morte nos separe e outros campos do imaginário coletivo de estudantes de Psicologia sobre sexualidade*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Couto, T.H.A.M.; Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2007). A mãe, o filho e a Síndrome de Down. *Paidéia*, 17 (37), 265-272.
- Fialho, A. A.; Fernandes, R.A.; Montezi, A. V. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2012) . O imaginário coletivo de estudantes sobre a África: um estudo preliminar. In *Proceedings of the 1st. Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América: Encontros e Desencontros Anais do Primeiro Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América: Encontros e Desencontros*, 2012, São Paulo (SP) [online]. 2012 [cited 28 April 2013]. Available from:
<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000132012000100002&lng=en&nrm=iso> .
- Granato, T.M.M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2004). Tecendo a pesquisa clínica em narrativas psicanalíticas. *Mudanças*, 12 (2), 253-271.
- Granato, T.M.M., Russo, R.C.T. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2009). O uso de narrativas na pesquisa psicanalítica do imaginário de estudantes universitários sobre o cuidado materno. *Mudanças*, 17, 43-48.

- Granato, T.M.M., Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2011). Narrativas interativas na investigação do imaginário coletivo de enfermeiras obstétricas sobre o cuidado materno. *Psicologia e Sociedade*, 23, 81-89.
- Herrmann, F. (1979). *Andaimos do real: o método da Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2001). *Introdução à Teoria dos Campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2004). *Pesquisando com o método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Manetti, M.L. & Marziale, M.H.P. (2007). Fatores associados à depressão relacionada ao trabalho de enfermagem. *Estudos de Psicologia*, 12 (1), 79-85.
- Martins, P. C. R., & Vaisberg, T. M. J. A. (2009). Dificuldades sexuais masculinas e Imaginário Coletivo de universitários: um estudo psicanalítico. *Barbarói*, 31 (2), 18-35
- Marques da Silva, D.C., Loureiro, M. de F. & Peres, R.S. (2008). Burnout em profissionais de enfermagem no contexto hospitalar. *Psicologia Hospitalar*, 6 (1), 39-51.
- Politzer, G. (1928). *Crítica dos fundamentos da psicologia: psicologia e Psicanálise* (M. Marcionilo & Y.M. de C.T. da Silva, Trad.). São Paulo: UNIMEP.
- Pontes, M.L., Barcelos, T.F., Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2010). A gravidez precoce no imaginário coletivo de adolescentes. *Psicologia, Teoria e Prática*, 12, 85-96.
- Pontes, M.L.S.; Cabreira, J.C.; Ferreira, M.C. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2008). Adoção e exclusão insidiosa: o imaginário de professores sobre a criança adotiva. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 495-502.

- Russo, R.C. de T. (2008). *O imaginário coletivo de estudantes de Educação Física sobre pessoas com deficiência*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Russo, R. C. T.; Couto, T. H.A.M.& Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2009). O imaginário coletivo de estudantes de Educação Física sobre pessoas com deficiência. *Psicologia & Sociedade*, 21 (2), 250-255.
- Tachibana, M. (2011). *Fim do mundo: o imaginário coletivo da equipe de enfermagem sobre a gestação interrompida*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2008). “Éramos sete”: cuidando da mulher que perdeu a guarda do filho no estilo clínico Ser e Fazer. In *Anais do Simpósio Internacional de Pesquisa em Psicoterapia*, 2. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Tachibana, M., Ayouch, T., Beaune, D. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2012). O imaginário coletivo de estudantes franceses de Psicologia acerca do doente mental. In *Anais da Jornada Apoiar*, 10. São Paulo: IPUSP.
- Winnicott, D.W. (1957). A contribuição da psicanálise à obstetrícia. In Winnicott, D.W. *Os bebês e suas mães* (J.L. Camargo, trad.) (pp.61-71). São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D.W. (1962). Os objetivos do tratamento psicanalítico. In Winnicott, D.W. *O ambiente e os processos de maturação* (pp.152-155). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D.W. (1963). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In Winnicott, D.W. *O ambiente e os processos de maturação* (I.C.S. Ortiz, Trad.) (pp.79-97). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D.W. (1967). O papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento

infantil. In Winnicott, D.W. *O brincar e a realidade* (J.O. de A. Abreu & V. Nobre, Trad.) (pp.153-162). Rio de Janeiro: editora Imago.

Winnicott, D.W. (1970). *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil* (J.M.X. Cunha, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, DW. (1987). *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.